



Mercado de Produtos Florestais

1 - EUCALIPTO, PÍNUS, SERINGUEIRA E NATIVAS: o agronegócio florestal paulista

A produção paulista de florestas concentra-se em três espécies: eucalipto, pínus e seringueira, e mais as áreas de florestas nativas, que fornecem serviços ecossistêmicos. Com pouco mais de 1,3 milhão de hectares cultivados dessas culturas, conduzidos por cerca de 45 mil silvicultores, e mais de 3 milhões de hectares de florestas nativas em 150 mil propriedades rurais, é a terceira atividade em ocupação de área no Estado de São Paulo. Os plantios se distribuem por várias regiões do estado com uma concentração no centro, na direção sudoeste norte e no Vale do Paraíba. As áreas de vegetação nativa, por sua vez, estão concentradas na Serra do Mar, Vale do Ribeira e Vale do Paraíba.

A silvicultura paulista ocupa o 2º lugar no *ranking* nacional.

No início da década, o Brasil tinha mais de 6,6 milhões de hectares de florestas plantadas e, deste total, 5,1 milhões hectares eram de eucalipto, o que representava 76,6% do total plantado, enquanto 1.562.782 hectares eram de pínus, 23,4%¹.

Segundo a ABRAF (2013)², em 2012, o Estado de Minas Gerais detinha 22,3% da área total de eucalipto e pínus do país, seguido de São Paulo com 17,8%, Paraná com 12,3%, Santa Catarina com 9,7% e Bahia com 9,3%. Minas Gerais possuía uma área de 1.491.681 hectares, enquanto os demais tinham 1.186.497 hectares, 817.566 hectares, 645.965 hectares e 616.694 hectares, respectivamente. Assim, a área cultivada nas Unidades de Produção Agropecuárias do Estado de São Paulo é de cerca de 20 milhões de hectares, e 6,4% está sendo ocupada por florestas, com destaque para eucaliptos, com 1,1 milhão de hectares, pínus (140 mil de hectares) e seringueira (90 mil hectares). Acrescentem-se mais cerca de 4 milhões de hectares de florestas nativas para ter a real dimensão do universo florestal paulista.

A madeira “em pé” pode ser adquirida para fins energéticos (lenha, cavacos e carvão) ou para produção dos chamados “produtos madeireiros”, em que se distinguem três canais:

- a) Madeira industrial (processo), em que são produzidas pastas celulósicas e chapas,

- b) Tratamento, que são preparadas para uso na construção rural, civil e infraestrutura,
c) Processamento mecânico ou serraria e laminadoras (Figura 1).

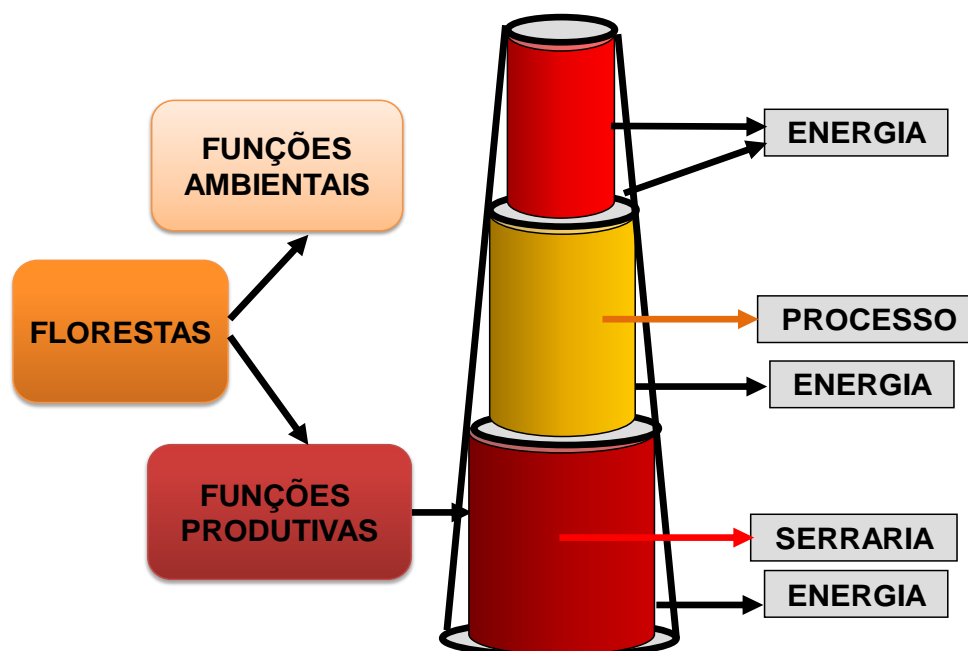


Figura 1- Usos Múltiplos dos Produtos Florestais.
Fonte: Dados da pesquisa.

No Estado de São Paulo, 60% da madeira de eucalipto destina-se ao processamento industrial para produção de pastas celulósicas ou de chapas/painéis (processo), de 30% a 35% tem fins energéticos e apenas cerca de 5% a 7% vai para processamento mecânico.

Os grandes consumidores de madeira para fins energéticos são os setores industriais ligados ao agronegócio ou à construção civil, com destaque para os segmentos de cerâmica e de alimentos (óleo vegetal, suco de laranja, alimentos processados, torrefadoras e secagem de grãos, frigoríficos, granjas, rações, curtumes, indústria de fertilizantes). Em menor escala, há também o consumo urbano, representado por panificadoras, docerias, restaurantes (churrascarias e pizzarias), entre outros.

2 - OS MERCADOS MADEIREIROS DE SÃO PAULO EM JULHO

Em julho, os preços recebidos pelos produtores de eucalipto no Estado de São Paulo, embora apresentassem pequenos decréscimos, permaneceram praticamente nos mesmos patamares de junho de 2015, conforme as figuras 2 a 4, relativas às cotações de madeira de eucaliptos com destinações para energia, processos industriais, tratamento e serraria.

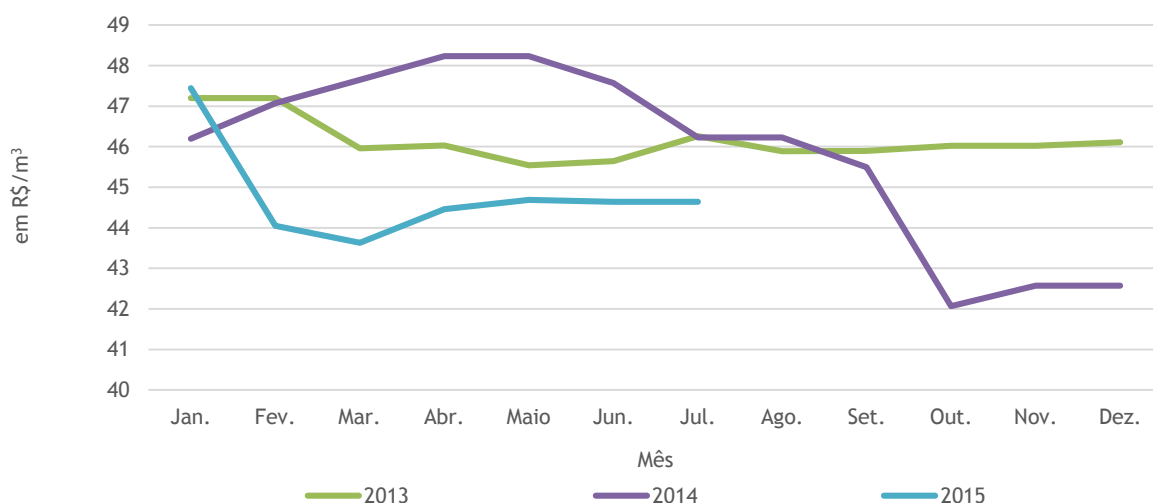


Figura 2 - Cotação de Madeira de Eucalipto com Destinação para Energia, Estado de São Paulo, Janeiro de 2013 a Julho de 2015.

Fonte: Dados da pesquisa.

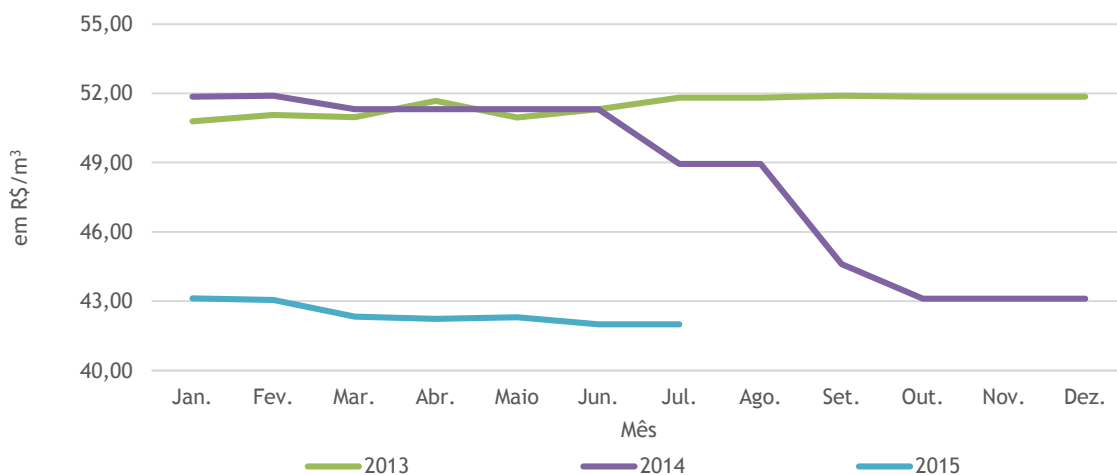


Figura 3 - Cotação de Madeira de Eucalipto com Destinação para Processos Industriais, Estado de São Paulo, Janeiro de 2013 a Julho de 2015.

Fonte: Dados da pesquisa.

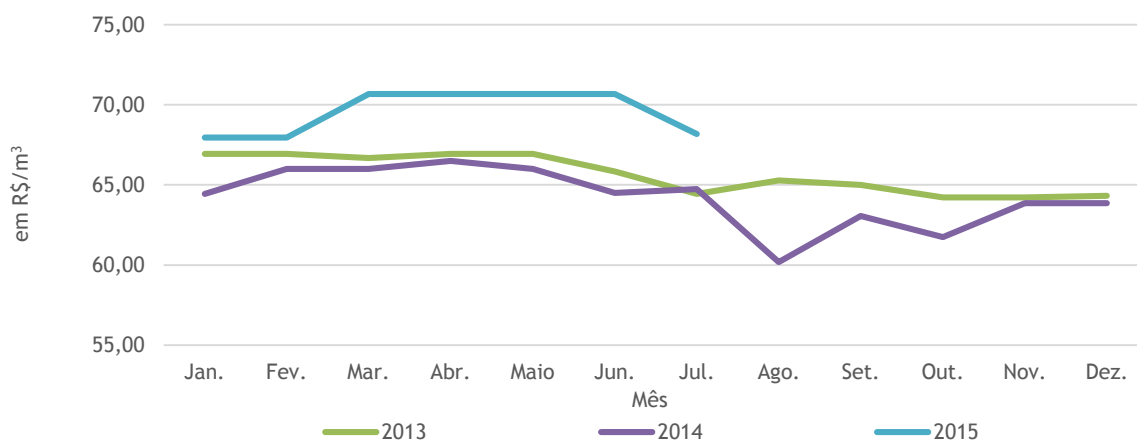


Figura 4 - Cotação de Madeira de Eucalipto com Destinação para Tratamento, Estado de São Paulo, Janeiro de 2013 a Julho de 2015.

Fonte: Dados da pesquisa.

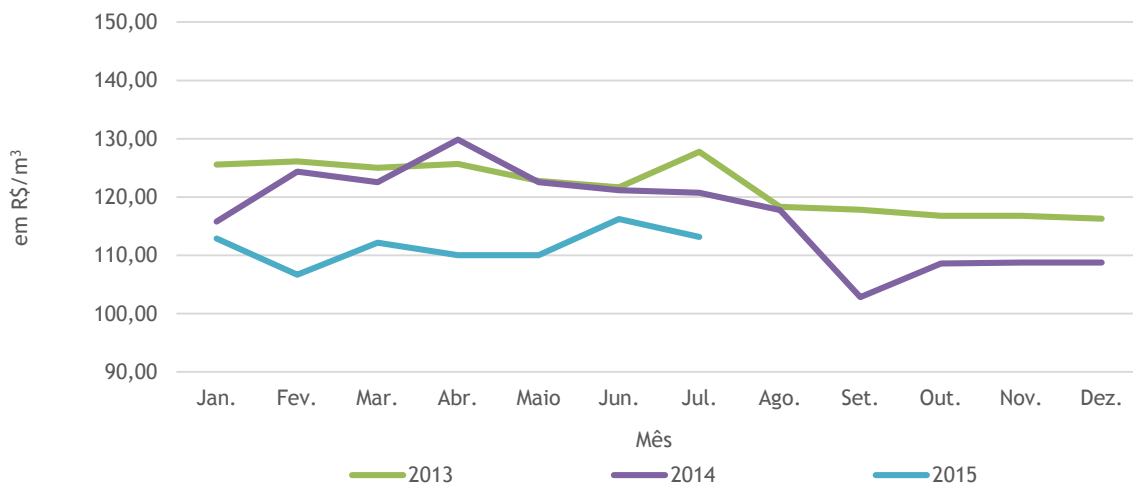


Figura 5 - Cotação de Madeira de Eucalipto com Destinação para Serraria, Estado de São Paulo, Janeiro de 2013 a Julho de 2015.

Fonte: Dados da pesquisa.

As exceções foram para os segmentos de serraria e tratamento, cujas cotações diminuiriam 2,6% e 3,5%, respectivamente, em relação a junho de 2015. As cotações dos produtos destinados a esses mercados, bastante atrelados à pecuária e à construção civil, acabam incorporando e refletindo suas oscilações. No caso da madeira serrada, as oscilações de demanda regionais explicam as variações das cotações (Figuras 4 e 5).

As cotações do eucalipto seguiram mais deprimidas, no sul/sudoeste, Pontal do Paranapanema e Vale do Paraíba, repercutindo na falta de estímulos a novos plantios. Por outro lado, no norte, centro e oeste do estado, devido à continuação de condições climáticas favoráveis, a procura por mudas esteve mais aquecida, fato que, no entanto, não se refletiu nas cotações.

O segmento industrial integrado tem trabalhado com cotações menores desde 2014, e mesmo o bom momento atravessado pelo setor de celulose não se materializou nas cotações.

Em uma visão mais ampla, o mercado de florestas fechou o primeiro semestre de 2015 com as cotações no mercado interno bastante inferiores às do ano anterior, refletindo setorialmente o quadro de desaquecimento em que se encontra a economia brasileira.

3 - PERSPECTIVAS

O mercado de florestas brasileiro apresenta-se ainda bastante contraditório, pois a silvicultura com produção integrada ainda compete, em parte, com o desmatamento ilegal de florestas nativas, em outros estados brasileiros. Além dos impactos negativos que esse desmatamento ilegal causa ao meio ambiente, principalmente à biodiversidade, ele acaba distorcendo os preços de mercado nesses estados.

Concomitantemente às tentativas para se erradicar o desmatamento ilegal, em junho realizou-se, em Bonn, na Alemanha, a negociação preparatória da COP-21 sobre mudanças climáticas. Essa reunião complementou a negociação de Varsóvia no que concerne ao acordo de proteção às florestas, mecanismo conhecido como Redd+ (redução da emissão de carbono por meio da diminuição do desmatamento e de áreas degradadas).

Foram apresentados mecanismos de monitoramento das florestas e de salvaguardas para proteger a biodiversidade e os direitos indígenas. A expectativa é de que a COP de Paris, em dezembro, não só aprove as regras técnicas de Bonn, como também defina a origem dos recursos financeiros para a Redd e, sobretudo, sua implementação. Esse mecanismo poderá dar nova configuração à proteção e uso das florestas, contribuindo para a redução do desmatamento e influenciando, ainda que indiretamente, nos mercados madeireiros.

¹ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PRODUTORES DE FLORESTAS PLANTADAS - ABRAF. Anuário estatístico ABRAF. Brasília: ABRAF, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecaflorestal.ufv.br/handle/123456789/3910>>. Acesso em: ago. 2015.

²Op. cit. nota 1.

Palavras-chave: florestas, mercados florestais, cotações florestais.

Eduardo Pires Castanho Filho
Pesquisador do IEA
castanho@iea.sp.gov.br

Adriana Damiani Correia Campos
Executiva Pública do IEA
adrianadamiani@iea.sp.gov.br

José Alberto Angelo
Pesquisador do IEA
alberto@iea.sp.gov.br

Liberado para publicação em: 18/08/2015